

Suplemento Cultural

A Literatura Sul-Mato-Grossense possui Glória e a formosura de uma Rosa

RUBENIO MARCELO – poeta/
escritor, membro e secretário-geral da
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

A literatura pode proporcionar ao ser humano a experiência de vivenciar o elo transcendental entre o homem e o cosmos. No que concerne à expressão da palavra retransmitida através das gerações, a literatura revela toda a vida de uma nação e/ou um estado (documentando a historiografia, a diversidade, as tradições e a memória). Sem a literatura, não teríamos também o sublime prazer de flertar a palavra que alça voo pelo imaginário, a linguagem reinventada pelo fazer poético, que é – como tenho dito – o santo graal dos corações.

E a nossa literatura regional perfaz (na próxima sexta-feira) um ano de saudades de Maria da Glória Sá Rosa, que será sempre uma imagem viva no panorama cultural e no semblante artístico de MS, especialmente nas trilhas fecundas da arte da palavra escrita. Como sabemos, a sua brilhante trajetória se harmoniza com os mais significativos acontecimentos literoculturais deste Estado, e as suas obras são fontes imprescindíveis de conhecimentos. Por isto, afirmo que ‘a Literatura sul-mato-grossense possui Glória e a formosura de uma Rosa’. Ah, as lembranças da Prof^a Glorinha (como carinhosamente a chamávamos) serão eternas.

Nascida (em 4/11/1927) na cidade de Mombaça/CE, Maria da Glória veio – na companhia de seus pais: sr. Tertuliano Vieira e Sá e sra. Cleonice Chaves Sá – no ano de 1934, contando apenas seis anos de idade, residir



Saudosa acadêmica **GLORINHA** em sessão Literocultural (Foto: Arq. da Academia)

em Campo Grande, onde já moravam seus avós maternos. Entanto, como não se adaptaram, Glorinha retornou com os pais ao estado natal e, assim, em 1935, foi estudar num colégio salesiano em Fortaleza, onde começou a exercer o gosto pela escrita e trilhou seus primeiros passos nas sendas das artes. Mas quis o destino que aquela família mais uma vez viesse residir no sul de Mato Grosso (então MT Uno) – quicá uma força transcendente assim predestinava: destarte, no mês de julho de 1939, Glorinha desembarca novamente (com seus pais) em Campo Grande, indo residir na rua 14 de Julho. Foi no Colégio N. Sra. Auxiliadora, de 1939 a 1942, que ela fez o curso ginásial. Após concluir o 1º grau, foi morar em São Paulo, onde cursou o Clássico. Depois foi para o Rio de Janeiro e, aos dezoito anos,

ingressou no curso de Línguas Neolatinas da PUC (após concluí-lo, chegou a trabalhar no RJ, mas o seu lugar sagrado era mesmo moldado com o barro vermelho destas plagas guai-curus). Assim, em 1950, retornou definitivamente a Campo Grande e iniciou carreira no magistério. Em 23/01/1951, celebrou matrimônio com o engenheiro José Ferreira Rosa, com quem teve quatro filhos: José Carlos, José Boaventura (Neno), Luis Fernando e Eva Regina.

Maria da Glória Sá Rosa foi, em 1961, uma das fundadoras da Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (posteriormente FUCMT, hoje UCDB). Ali criou o Teatro Universitário Campo-Grandense e também a revista Estudos Universitários. Também exerceu o magistério por cerca de três décadas na UFMS, onde promoveu importantes eventos de arte/cultura, como exposições de artes, conferências, concursos literários e festivais. Pelos seus relevantes serviços, foi distinguida com o título de Doutora Honoris Causa pela UFMS (2007) e UCDB (2012). Recebeu muitas outras comendas e homenagens. Fundou a Aliança Francesa e o Cine Clube de Campo Grande. Pertenceu à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Escreveu e produziu literatura até os últimos dos seus dias.

Aos 88 anos, na noite de 28 de julho/2016, Glorinha Sá Rosa faleceu em Campo Grande, deixando sua história exemplar e várias obras publica-

“

Maria da Glória Sá Rosa foi, em 1961, uma das fundadoras da Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (posteriormente FUCMT, hoje UCDB). Ali criou o Teatro Universitário Campo-Grandense (...)

das, como: “Estudo sobre Guimarães Rosa”; “O Romance brasileiro”; “Cultura, Literatura e Língua Nacional (coautoria com Albana Nogueira); Memória da Cultura e da Educação em MS; “Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce”; “Crônicas de Fim de Século”; “Contos de Hoje e Sempre”; “Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul (com Idara Duncan e Yara Pentead); “A Música de Mato Grosso do Sul (com Idara); “A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores” (com Albana); e outras.

Certa vez, disse Glorinha: “O patrimônio cultural não se mede em números. Ele é libertador, produto de sonhos. Apesar das misérias que povoam o mundo, ele é fonte permanente de alegria, permitindo aos poetas, aos artistas voar além da mediocridade e construir um espaço de igualdade en-

tre os homens”. E ela sabia bem o que estava a proferir, pois sempre respirou os mais fecundos ares culturais e, por conta de suas atividades e iniciativas marcantes, timbrado naturalmente o seu nome na história sul-mato-grossense. Sincera e leal, autêntica e possuidora de visão humanista, eclética, pensamento de vanguarda, ela foi sempre uma mulher à frente do seu tempo. Ave, Glorinha!

Tive a honra e a felicidade de desfrutar de sua amizade e com ela partilhar intensamente muitos mistérios literoculturais. A propósito, e finalizando este ensaio, transcrevo aqui um soneto que a ela dediquei num dos meus livros publicados:

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA
[ou: Singelo Tributo à Professora Glorinha]

(Rubenio Marcelo)

Maria, o teu semblante iluminado
Ostenta a perenal similitude
Com a flor mais perfumada que, no prado,
Deixa todo universo em completude.

Na tez do teu ofício abençoado,
Fecundas a essência da virtude.
E assim de ti nos vem lume encantado,
Pois és da sã palavra a plenitude.

És dádiva imortal do Criador,
Que, envolto em teu carisma e resplendor,
Também fez a estrela que seduz...

Tens Glória e a formosura de uma Rosa;
O teu ser é enlevo em verso e prosa...
Professora Glorinha, és nossa luz!

ASL – AS PEDRAS RESISTIRAM ÀS ÁGUAS DO TEMPO *

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Foi assim que, no silêncio da memória, foram surgindo as formas imprecisas de um castelo feito de imagens sonoras, sonhos, frases soltas ao vento, pedras que resistiram à força dos raios e tempestades. Nas comemorações da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL) me vejo entre luzes e sombras, risos e prantos como personagem de uma entidade que resistiu pela força das ideias, quando tantas outras desapareceram sem nem deixar rastro. Recuperar a memória de um espaço onde pessoas trocaram sentimentos, viveram experiências, é tarefa das mais difíceis, porque as lembranças enganam, tomam formas diferentes, iludem o coração ansioso de captá-las em sua forma original. É como

organizar uma arqueologia de emoções, que teimam em fugir ao processo de construir e desconstruir interiores manchados pela pátina do tempo.

As lembranças vêm em ondas, como diz o poeta. A primeira reunião solene no hotel Campo Grande, onde muito mais do que planos teceram-se amizades sedimentadas no amor à literatura, no prazer de trabalhar a língua portuguesa, patrimônio comum dos que fizeram do ofício de escrever uma razão de existir. A falta de uma sede não impediu que as reuniões acontecessem para resolução dos mais diferentes problemas e surgimento de amizades duradouras. À época, as casas dos acadêmicos funcionavam numa Campo Grande sem grandes vias de comunicação social como o porto de nossas alegrias familiares.

Lembro-me particularmente de uma reunião em que defendi, de forma bem-humorada, a participação de João Guimarães Rosa (que alguns não queriam aceitar como meu patrono) na literatura sul-mato-grossense. Na discussão, tive a meu lado José Couto Vieira Pontes, que por sinal havia indicado meu nome para a Academia. Os almoços de domingo na chácara dos amigos Barbosa Rodrigues e Henedina Rodrigues eram verdadeiras sessões culturais, animadas por visitantes que vinham de diversas partes do Brasil saborear delicioso churrasco, intercalado por palestras sobre cultura que acentuavam o prazer de existir entre amigos com os mesmos ideais.

Como esquecer os vatapás de Dona Zezé na casa de Antônio Lopes Lins,

que estimulava com o riso contagiante as discussões de Sá Carvalho e Hugo Pereira do Vale, suavizadas pelo jeito tranquilo de Paulo Coelho Machado, o grande amenizador de situações conflitantes? Que saudades dos encontros na fazenda de Eduardo Machado Metello, em que Germano Barros de Sousa, Elpidio Reis e Arassuay Gomes de Castro declamaram poemas de sua autoria, enquanto lá fora o gado sonolento se aquecia ao sol, indiferente às preocupações do amanhã.

Uma das minhas mais fortes recordações foi a posse (em Dourados) de José Pereira Lins, em que meu filho Boaventura, a convite de Elpidio Reis, tocou Rio Paraguai, canção de sua autoria, que hoje me invade com o rumor das sensações de um tempo em que

as coisas pareciam não sair do lugar. Barbosa Rodrigues, Henedina, Sá Carvalho, Hugo Pereira do Vale, Eduardo Metello, Germano de Sousa, Arassuay, Elpidio Reis, Paulo Coelho Machado, Boaventura e tantos outros queridos amigos onde estão todos eles? Estão todos dormindo profundamente nas dobras da memória de onde vamos resgatá-los para esse processo de retorno à vida que é nosso recurso contra o esquecimento. A todos que se foram minha saudade. Aos que ainda permanecem, a alegria de habitar um castelo cujas pedras resistem à força das águas do tempo – a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

* Texto escrito há 10 anos, pela hoje saudosa Prof^a Glorinha, e ainda tão atual.

POESIAS

GRATIDÃO DE UM DISCÍPULO

(Para a Prof^a. Maria da Glória Sá Rosa)

“Glória a Deus nas Alturas” por dar-me na vida
A dádiva maior que um destino requer:
Uma perfeita mestra, a mais nobre e querida,
Sã-mágica mistura de Glória e mulher!

Glorinha, me ensinaste as hosanas da ida

Pelas trilhas das Letras, da arte e saber...
Sendas de luz que ascendem aos Céus, sem descida,
Do homem único bem que transcende o morrer!

No entanto, mil desculpas ainda te peço,
Pois tanto me ensinaste, e assim mesmo tropeço
Te escrevendo este incauto soneto em louvor...

É que não há gramática ou literatura
Capaz de decantar-te a singular cultura

E nem da educadora o divinal valor!

GERALDO RAMON PEREIRA

QUIETUDE

Em sã quietude
invisto no ser.
Parafuso de veludo

formata destino
molda a rotina
ajusta a ordem
faz vencer.
Com meus botões
soletro silêncios
e o tempo responde.
Isso aprendi com as estrelas.

ILEIDES MULLER

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

1 - ACADÊMICOS FRAZÃO E MARISA SERRANO RECEBEM RELEVANTES COMENDAS – A ‘Medalha Duque de Caxias’, comemorativa ao Sesquicentenário do Conflito da Tríplíce Aliança (Guerra do Paraguai), é uma especial honraria outorgada a celebridades das forças armadas, da cultura e da historiografia nacional, como alta distinção a eminentes colaboradores da história militar do Brasil, que com suas ações enriquecem a vida cultural e educacional do País. Este ano, a medalha, acompanhada de diploma assinado pelo Comandante do Exército, foi designada a galardoar reconhecidas personalidades durante as celebrações dos 150 anos da Retirada

da Laguna. O evento transcorreu de 3 a 6 de julho p.p., em Aquidauana, onde se deu o III Congresso Internacional de História Regional, realizado pela UFMS, com o CMO, Batalhão Carlos Camisão, AL/MS e Governo do Estado. Outra importante honraria referente ao mesmo evento é a ‘Comenda Visconde de Taunay’, única do gênero no Brasil, idealizada pelo escritor José Pedro Frazão e instituída em 2011 pelo município de Anastácio, que é a sede do Porto Canuto - marco histórico nacional, ponto final da Retirada da Laguna.

Durante as celebrações, constaram do seleto rol de homenageados os nomes de dois professores e escritores lídimos representantes

da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. O primeiro foi o acadêmico José Pedro Frazão, que, indicado pela UFMS e pelo 9º Batalhão Carlos Camisão, recebeu a Medalha Duque de Caxias e o diploma de Honra ao Mérito, em ato na abertura do Congresso, no dia 3/julho, em Aquidauana. A outra personalidade acadêmica homenageada foi a professora e escritora Marisa Serrano, que foi indicada pelo poder público municipal de Anastácio, para receber a “Comenda Visconde de Taunay”. A entrega dessa honraria será feita em data a ser marcada pela municipalidade, mas a sua aprovação foi anunciada no dia 4/julho, no Porto Canuto, durante sessão legislativa em celebração ao

Sesquicentenário da Retirada da Laguna.

2 - ESCRITOR BRÍGIDO IBANES É O PALESTRANTE DO PRÓXIMO ‘CHÁ ACADÊMICO’ – Festejado autor de “Silvino Jacques: o último dos bandoleiros” e tantas outras obras de narrativa histórico-memorialística regional ou ‘romance reportagem’, o bela-vistense Brígido Ibanes honrar-nos-á com a interessante palestra ‘Brilho da Literatura Fronteira’, por ocasião do nosso próximo chá acadêmico, na quinta-feira vindoura, 27/07, no Centro Cultural José Octávio Guizzo, sala Rubens Corrêa, às 19 horas (Rua 26 de Agosto – Teatro Aracy Balabanian). Interessados sejam bem-vindos.